EDIÇÃO HISTÓRICA

Cr$ 200,00 - RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1964 • ANO 11 • EDIÇÃO HISTÓRICA

Manchete

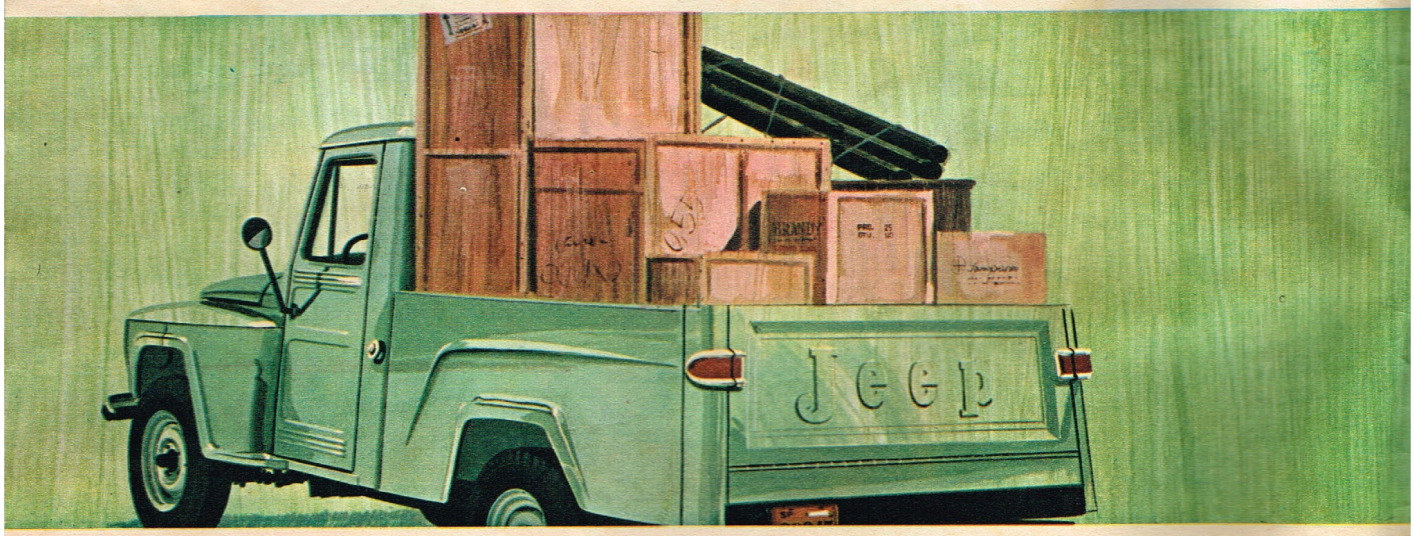
UM MILHÃO DE CARIOCAS NA MARCHA DA LIBERDADE

MOURÃO FILHO A HISTÓRIA SECRETA DA REVOLUÇÃO

MINAS-SÃO PAULO-RIO

O EIXO DA VITÓRIA

Nesse dia foram flôres



O trabalho da semana foi exaustivo: cargas pesadas, viagens contínuas no transporte de volumes difíceis na cidade e no campo. Sua tração "fura-caminho" (em 2 ou nas 4 rodas e reduzida) entrou em ação no barro, em ladeiras, buracos e riachos. Os lucros foram mais satisfatórios, porque foram mínimas as depesas de operação e manutenção. O Pick-up "Jeep", com o econômico motor de 90 H. P. (S. A. E.), fôrça exata para o seu trabalho, cumpriu com vantagens a missão. Hoje, transporta uma carga leve. Mas amanhã voltará a carregar, tranqüilo, muito mais do que qualquer outra camioneta tentaria carregar. Porque o Pick-up "Jeep" é um veículo de alta qualidade, de construção cuidada e acabamento superior. Conheça o Pick-up "Jeep" modêlo 64, com suspensão mais macia, bateria de 12 volts e novas côres.

Ganhe milhares de cruzeiros na compra e siga lucrando a cada km rodado.

Willys Overland - São Bernardo do Campo - Estado de São Paulo

PICK-UP Jeep®

— UM PRODUTO WILLYS — VEÍCULOS DE ALTA QUALIDADE

WILLYS

PUJ - 01-24

Manchete
REVISTA SEMANAL

conversa com o leitor

Rio de Janeiro, abril de 1964
★ Edição Histórica

SUMARIO

Deus, Família e Liberdade 4

A Noite em que o Govêrno Mudou 14

Guerra e Paz no Vale do Paraíba 20

Kruel Ganhou com Palavras .. 24

Depoimentos de Peri Bevilacqua e Mourão Filho 26

Minas na Vanguarda 28

São Paulo na Hora da Vitória 32

O Júbilo no Rio 38

Os Generais Civis 44

NOSSA CAPA: Carlos Lacerda, governador da Guanabara, um dos líderes da revolução vitoriosa.

As reportagens dêste número foram realizadas por: Fernando Pinto, Ney Bianchi, José Maria do Prado, Manoel Higino dos Santos, Luís Carlos Sarmento, Murilo Melo Filho, Jáder Neves, Nicolau Drei, Juarez Conrado, Flávio Costa, Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Armando Bernardes, João Brankovan, Sérgio Jorge, Zygmunt Haar, Sérgio Alberto, Tito Rosemberg, Domingos Cavalcanti, José Campos, Hélio Santos, Antônio Trindade, Aldyr Tavares, Juvenil de Sousa, Odacir Soares, Alberto Jacob, Victor Gomes, Francisco Ruas, Sérgio Matulevicius, Fernando Cascudo e Lausimar Laus.

... E êste número também será guardado pelos leitores como um documento histórico. — JUSTINO MARTINS.

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITÔRES S. A.
PRESIDENTE: ADOLPHO BLOCH * DIRETOR SUP.: OSCAR BLOCH SIGELMANN * DIRETOR: PEDRO JACK KAPELLER * DIRETOR RESPONSÁVEL: NELSON ALVES * DIRETOR: H. W. BERLINER * MANCHETE * DIRETOR: JUSTINO MARTINS * CHEFE DE REPORTAGEM: ARNALDO NISKIER * REDAÇÃO: RAIMUNDO MAGALHÃES JÚNIOR, ZEVI GHIVELDER, OTTO LARA RESENDE, LEDO IVO, RAUL GIUDICELLI, FERNANDO PINTO, CORDEIRO DE OLIVEIRA, NEY BIANCHI, JOSÉ RODOLPHO CÂMARA, PAULO AFONSO GRISOLLI, ALBERTO SHATOVSKY * ASSISTENTE: MÍLTON LOMACINSKY * COLABORADORES: HENRIQUE PONGETTI, FERNANDO SABINO, PAULO MENDES CAMPOS, RUBEM BRAGA, IBRAHIM SUED, HELENA SANGIRARDI, TAVARES DE MIRANDA E CLAUDIUS * FOTOGRAFIA: CHEFE: NICOLAU DREI * REPÓRTERES: GERVÁSIO BATISTA, GIL PINHEIRO, JUVENIL DE SOUZA, FELISBERTO ROGÉRIO, VICTOR GOMES, ALBERTO JACOB, TOLENTINO GOMES, ANTÔNIO TRINDADE, EVELINE MUSKAT, * RELAÇÕES PÚBLICAS: ROBERTO DE VASCONCELLOS * ARTE: WILSON PASSOS * ARQUIVO: ARON VAISMAN * PRODUÇÃO: NELSON SAMPAIO E ORIARD T. GUIMARÃES * SUCURSAL DE S. PAULO: SALOMÃO SCHVARTZMAN, GERALDO MÓRI, SÉRGIO JORGE, ARMANDO BERNARDES E ZYGMUNT HAAR * SUCURSAL DE BRASÍLIA: MURILO MELO FILHO E JÁDER NEVES * SUCURSAL DE P. ALEGRE: CARLOS CAMARGO * CORRESPONDENTES NO BRASIL: AMAZONAS: PHELIPE DAOU; PARÁ: OSWALDO MENDES; CEARÁ: JOSÉ RAIMUNDO COSTA; PERNAMBUCO: FERNANDO LUÍS CASCUDO E ALEXANDRINO ROCHA; BAHIA: GUILHERME SIMÕES; MINAS: MARCELO C. TAVARES E MANOEL HIGINO DOS SANTOS; SANTA CATARINA: ILMAR CARVALHO; * CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS: PARIS: LUIZ EDGARD DE ANDRADE; ROMA: VITO ENIZ NETO; JAPÃO: MOACIR MARTINS FERREIRA; LIMA: DON MICRO * DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: DIRCEU TÔRRES NASCIMENTO * GERENTE RIO: FRANCISCO AUGUSTO NASCIMENTO * GERENTE S. PAULO: SALVIANO NOGUEIRA * ASSISTENTE: DÉCIO CORRÊA DA SILVA * REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA FREI CANECA, 511. TELS. 32-4355 E 32-0300, RIO, GB. * BUREAU DE BRASÍLIA: CASA 222 DA QG. N.º 16 DA CAIXA ECONÔMICA, TEL. 2-4013. BUREAU DE SÃO PAULO: RUA 24 DE MAIO, 35 – 11.º ANDAR, SALAS 1101/5, TEL. 36-9998. BUREAU DE PÔRTO ALEGRE: RUA SENHOR DOS PASSOS, 235, LOJA 5, TEL. 47-44. DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIDORA IMPRENSA LTDA., RUA DO SENADO, 192-A – TEL. 22-8817 – RIO DE JANEIRO – GB.

Manchete É ASSOCIADA DO IVC

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S. A.

DEUS FAMÍLIA E LIBERDADE

A "Marcha da Família com Deus pela Liberdade" transformou-se, no Rio, numa verdadeira homenagem às fôrças armadas, ao ser anunciada a presença do General Olímpio Mourão Filho, de destacada atuação nos recentes acontecimentos. Também compareceram os Marechais Dutra, Magessi, Mendes de Morais e Segadas Viana. A incalculável multidão concentrou-se ao lado da Candelária, com imagens, terços, bandeiras e cartazes anticomunistas. E dali deslocou-se para a Esplanada do Castelo, onde renovou a impressionante demonstração de fé católica e de confiança no Brasil.

O ex-Presidente da República Marechal Eurico Gaspar Dutra, que também recebeu aclamações, acena ao povo, do palanque. Ao lado, vê-se a imensa multidão concentrada junto à Igreja da Candelária.

REFORMAS PELA DEMOCRACIA
REFORMAS COM O CONGRESSO
COM PELA LIBERDADE
COM PELA LIBERDADE
REFORMAS PELA DEMOCRACIA
DEMOCRACIA SIM
CONGRESSO
DEMOCRACIA
DEMACOGIA

A Marcha da Família com Deus Pela Liberdade encerrou-se diante do altar da pátria, na Esplanada do Castelo, com a presença de centenas de milhares de fiéis

Os participantes da memorável marcha levantaram as bonitas bandeiras do Estado da Guanabara ao lado dos pavilhões nacionais, assim como cantaram Cidade Maravilhosa em sucessão ao Hino da República. Êste espetáculo ficará gravado na história democrática do país.

A exemplo do que aconteceu em São Paulo, a participação do elemento feminino foi decisiva para o excepcional êxito da marcha da liberdade.

D. Letícia Lacerda, espôsa do governador da Guanabara, ao lado da Sr.ª Maria Elisa Bocaiúva Correia da Costa, primeira dama de Mato Grosso.

O mais impressionante espetáculo cívico até hoje registrado no Brasil foi totalmente organizado pela Campanha da Mulher Pela Democracia

A bandeira brasileira foi empunhada por pessoas de oito a oitenta anos. Se, por acaso, faltava a haste, o guarda-chuva resolvia o problema.

As senhoras responsáveis pela organização da passeata cantavam hinos religiosos. Embaixo: Marechais Augusto Magessi e Ângelo Mendes de Morais.

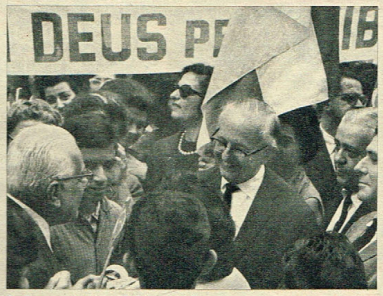
Apesar da ameaça de chuva, as ruas centrais da cidade estavam tomadas desde cedo. Muitos participaram da marcha com velas acesas.

Nem o tempo chuvoso impediu que os cariocas dessem o testemunho público de seu amor às liberdades públicas e de seu espírito sinceramente cristão

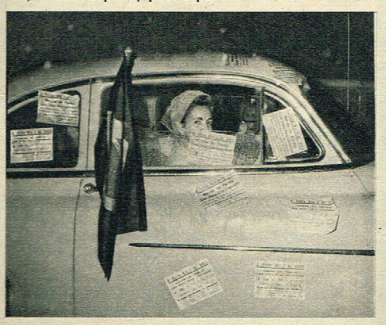
A figura apostolar do grande Papa João XXIII, cujo espírito ficou perenemente ligado às encíclicas Mater et Magistra e Pacem in Terris, foi lembrada pelos fiéis reunidos na grande demonstração.

Sôbre a massa dos guarda-chuvas abertos, elevam-se as centenas de faixas, cujas inscrições traduziam os sentimentos da imensa multidão. Ao lado: o grande cortejo avança na Avenida Rio Branco.

Bandeiras, umas imensas, outras menores, eram agitadas no ar, em manifestações de entusiasmo. Por longo tempo se sucederam êsses testemunhos de fé e de civismo.

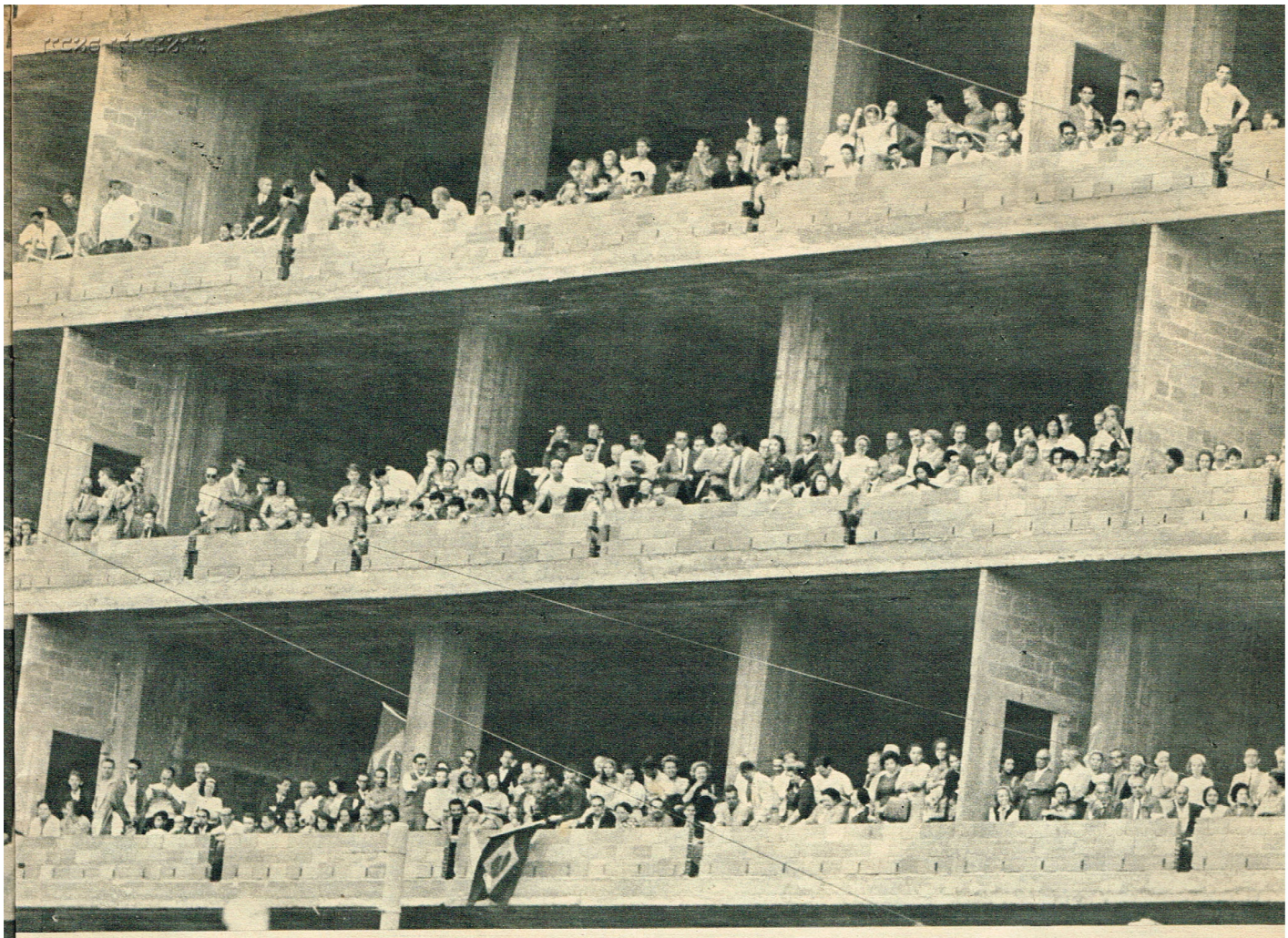


O General Juraci Magalhães, ex-governador da Bahia, e sua espôsa, participaram da marcha cristã.



Muitos automóveis conduziam bandeiras ao lado e impressos de propaganda da demonstração de fé.

Entre os cartazes anticomunistas exibidos, havia alguns de inspiração caricatural.



Enquanto muitas pessoas, de seus escritórios,
na Avenida Rio Branco, acenavam com lenços brancos para a multidão
em desfile, outras convertiam edifícios em construção em
postos de observação ou faziam o "V" da vitória

● Os chefes e líderes do movimento armado que depôs o Sr. João Goulart mostram-se, agora, preocupados em ganhar a segunda etapa da rebelião: a instalação de um govêrno com autoridade político-militar e dotado de cobertura parlamentar a fim de sobreviver aos próximos meses — decerto os mais difíceis. A ascensão do Sr. Ranieri Mazzili, para quem presenciou os dramáticos lances desenrolados na madrugada de quarta-feira em Brasília, teve a marca nítida do fato consumado. A posse do nôvo presidente foi o resultado de uma sucessão de atitudes decididas do grupo político que se dispusera a entregar-lhe o poder o mais depressa possível. Até o último instante da posse pairavam no terceiro andar do Palácio do Planalto os receios de que uma derradeira resistência dos remanescentes do govêrno de Jango, presentes em Brasília, ainda pudesse modificar o rumo da solução adotada pelo Congresso.

MURILO MELO FILHO analisa a nova conjuntura política

A NOITE EM QUE O GOVÊRNO MUDOU

Fotos de JÁDER NEVES

As três horas da madrugada, sobrepondo-se aos protestos dos partidários de Jango no Congresso, o Senador Auro de Moura Andrade, sob sua responsabilidade, declarou vaga, a presidência da República e anunciou a decisão de transmitir o cargo ao presidente da Câmara dos Deputados.

Na véspera da deposição de Jango, o Sr. Tancredo Neves foi um dos parlamentares mais ativos em favor do ex-presidente. Depois, nada mais pôde fazer.

O Deputado Doutel de Andrade, líder do PTB, tentou obstar a proclamação da posse de Mazzili mas nada conseguiu

A grande maioria do Congresso aceitou a posse do Presidente Ranieri Mazzili como um fato consumado, sem dar ouvidos aos protestos dos setores esquerdistas

O deputado carioca Amaral Neto justifica em discurso a solução adotada. Embaixo: O Deputado Brito Velho, da UDN do Rio Grande do Sul, na tribuna.

O Deputado Adauto Lúcio Cardoso, irredutível adversário de Jango, discursa na noite em que o govêrno havia mudado.

À esquerda: o Deputado Bocaiúva Cunha tenta impugnar a posse de Mazzili. Em cima: Francisco Julião na tribuna.

O ex-ministro do Trabalho e antigo líder do PTB, Almino Afonso, foi veemente nas palavras bem como nos gestos.

O empenho de Ranieri Mazzili em constituir um ministério politicamente estável revela, de certa forma, a perspectiva de que êle próprio seja o presidente escolhido pelo Congresso para completar o qüinqüênio iniciado por Jânio

RANIERI MAZZILI ASSUME A PRESIDÊNCIA NA PRESENÇA DO MINISTRO RIBEIRO DA COSTA E DO SENADOR AURO DE MOURA ANDRADE

Foi aos brados que o Senador Auro de Moura Andrade, sobrepondo-se aos desesperados protestos dos deputados trabalhistas, proclamou vago o cargo de presidente da República, declarando nêle empossar o Sr. Ranieri Mazzili.

O nôvo chefe do govêrno entrou no Palácio do Planalto através da garagem, usando de hábil estratagema e viajando num carro particular fortemente guardado. Logo em seguida ali chegaram dezenas de deputados e senadores que viveram duas horas de enorme apreensão, por julgarem que não contavam com suficiente cobertura militar para garantir a solenidade de posse.

Mazzili foi investido no pôsto de supremo mandatário do país em cerimônia surpreendentemente rápida. Valeu-lhe, no caso, a experiência adquirida em situações anteriores para agir com presteza. O nôvo presidente empossou o General André Fernandes na chefia do seu Gabinete Militar e nomeou o General Costa e Silva, o Almirante Augusto Radmacker e o Brigadeiro Correia de Melo para ministros da Guerra, Marinha e Aeronáutica. Sem saber o rumo tomado pelo avião de Jango, o govêrno recém-constituído prosseguiu na tática do fato consumado para revelar ao país decisões positivas e imediatas. Apesar de já ter nomes em cogitações para as demais pastas ministeriais, Mazzili achou que não deveria fazer novas nomeações sem antes consultar as fôrças políticas e militares cuja sublevação o guindara ao poder. Encarregou, então, o Senador Moura Andrade de realizar consultas em Minas, Guanabara e São Paulo, junto aos Governadores Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e Ademar de Barros. Mesmo correndo os riscos do retardamento na com-

AURO E MAZZILI AGIRAM COM GRANDE PRESTEZA

plementação do ministério, Mazzili julgou que devia somar o mais possível em tôrno de seu govêrno.

A rigor, não necessitaria êle de tantos cuidados e preocupações de segurança na constituição de um ministério interino. A eleição do presidente encarregado de completar êste atribulado qüinqüênio e de presidir o pleito de 65 terá que verificar-se dentro dos próximos trinta dias. Isto quer dizer que, eventualmente, a eleição dentro do parlamento poderá ter lugar na próxima semana. Mas o empenho do Sr. Ranieri Mazzili em constituir um ministério politicamente estável revela, de certa forma, a perspectiva de que êle próprio seja o escolhido para a alta investidura. Apesar dos últimos acontecimentos, que poderiam tê-lo desgastado pelo menos junto ao PTB, sua aceitação em tôdas as bancadas continua inalterada. Resta apenas uma dúvida: sendo êle o presidente em exercício, poderá ser eleito para concluir o mandato? O caso é inédito e a hipótese não estava prevista. Seus partidários argumentam desde já que êle está na chefia do govêrno apenas na qualidade de presidente da Câmara e, portanto, é elegível. De resto, o PSD tudo fará para conservar o poder em suas mãos através de Mazzili — para uma solução pacífica — ou então através de Moura Andrade — para uma fórmula de luta aberta contra o PTB.

Esta seria a solução civil. A militar inclui os nomes dos Generais Castelo Branco e Amauri Kruel e dos Marechais Dutra e Lott. Já a solução udenista e mineira conta com um nome único e absoluto: Magalhães Pinto. O governador mineiro cresceu muito nos recentes episódios, tanto para a eventualidade de ser eleito indiretamente pelo Congresso, como também para disputar as preferências da convenção da UDN.

Deixando de lado as conjeturas de nomes e as cogitações políticas, o certo é que a nova estrutura dominante — com amplo contrôle do Executivo e maioria tranqüila do Congresso — está consciente de que necessita fazer algo de concreto e urgente no sentido das reformas. A primeira providência será mesmo a de votar o projeto do Deputado Aniz Badra que possibilita a reforma agrária sem necessidade de alterar a Constituição. O PTB vai opor-se ao projeto, por considerá-lo mistificador.

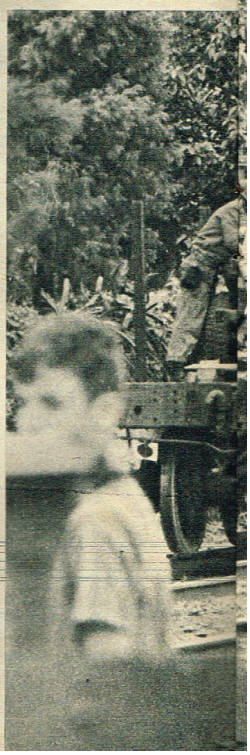
Partindo ràpidamente para a desmobilização dos espíritos, para a instauração de uma atmosfera mais tranqüila e para a votação de alguns projetos reformistas, o nôvo govêrno visa a diluir a imagem do presidente deposto. Está receoso de que o imobilismo ou uma posição conservadora possam fazer crescer perigosamente uma imagem de saudosismo. A sombra que se projeta do Sul leva o nôvo govêrno a empenhar-se na sua rápida dissipação.

O DIA D

GUERRA E PAZ NO VALE DO PARAÍBA

Quando o Governador Magalhães Pinto, em Minas, convocou a nação para o movimento revolucionário, as tropas do II Exército começaram a marchar, de São Paulo, para o vale do Paraíba. De Minas, convergiam para o Estado do Rio outras fôrças. Tudo fazia prever uma verdadeira hecatornbe, ao longo do vale do Paraíba, se a ordem de fogo chegasse a ser dada. Tôdas as tropas em marcha eram de elite, aparelhadas com armas modernas.

Na fria manhã, os transportes militares avançam pelo planalto, conduzindo homens dispostos a invadir o Estado da Guanabara. Patrulhas avançadas tomam



Reportagem de FERNANDO PINTO, JUAREZ CONRADO, J. M. PRADO, GIL PINHEIRO, GERVÁSIO BATISTA e ARMANDO BERNARDES.

posição para garantir o avanço do II Exército. Embaixo: composições ferroviárias conduzem tanques e jipes de São Paulo, para o vale do Paraíba.

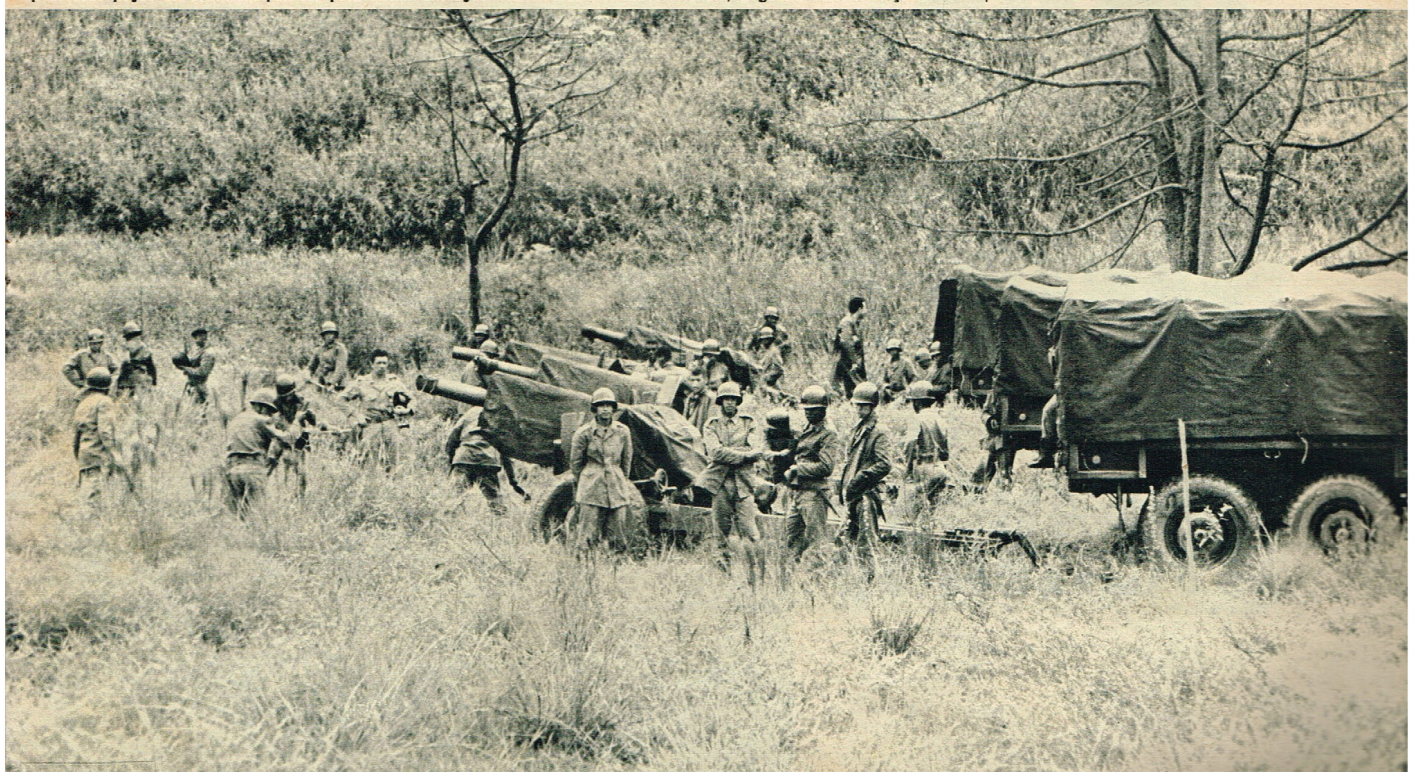
FRENTE A FRENTE MINEIROS E CARIOCAS

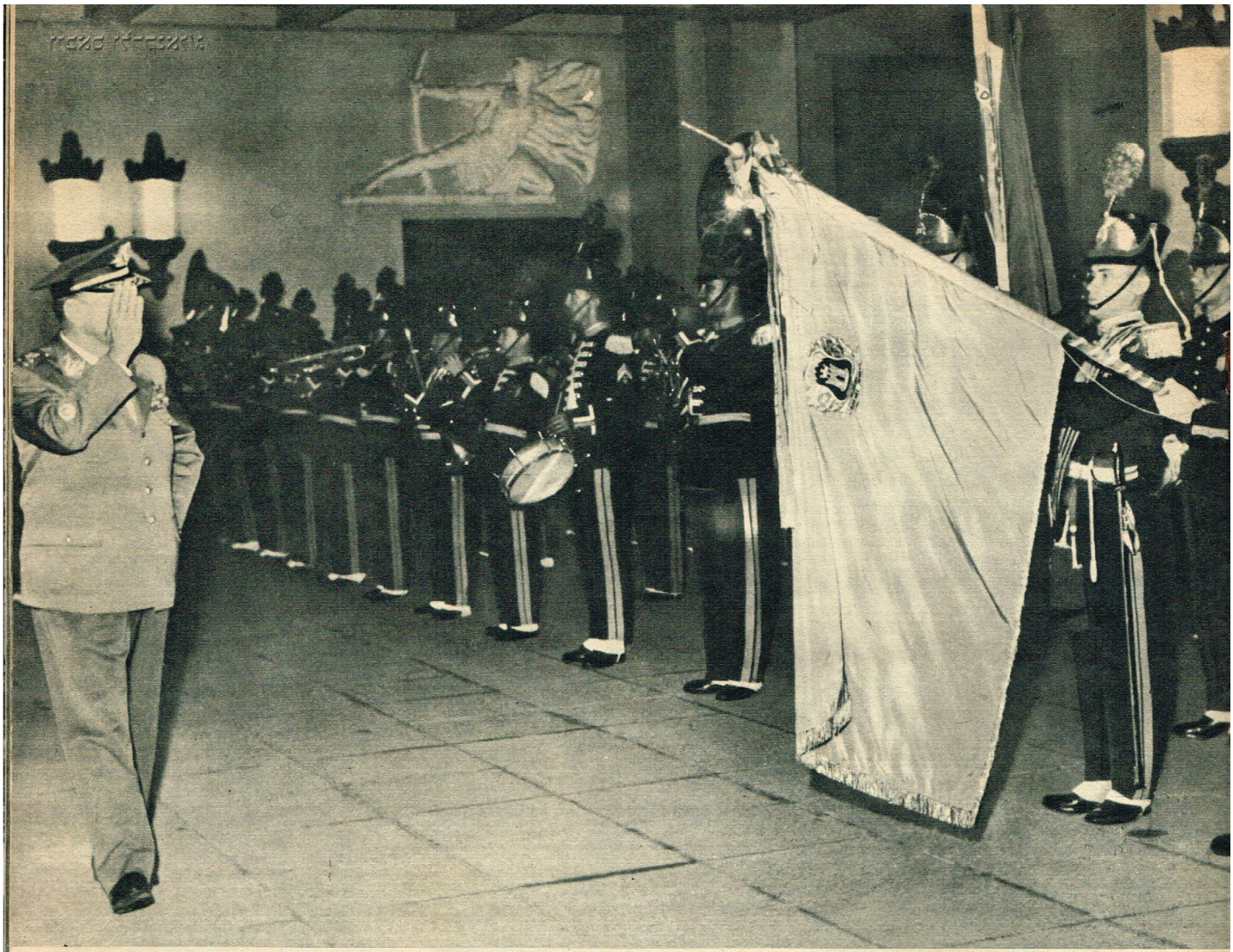
Êles vêm de Juiz de Fora e de São João del Rei para o vale do Paraíba, sob o comando do General Murici. Em determinado momento, o choque pareceu inevitável: foi quando as fôrças que partiram do Rio ocuparam Areal, a 3 km das linhas avançadas dos mineiros.

Carros de combate da fôrça comandada pelo General Murici chegam ao ponto de quase estabelecer contato com os carros blindados do Gen. Cunha Melo. Mas êstes regressaram, ao verem a disposição de luta dos mineiros.

Nas imediações do vale do Paraíba (na frente mineira) oficiais confabulam sôbre a atitude a assumir. Embaixo: poderosas peças de artilharia prontas para entrar em ação. Se tivesse havido resistência, a guerra civil começaria.

Enquanto as fôrças de São Paulo seguiam na direção da Guanabara, já em território fluminense, as que vinham de Minas Gerais, comandadas pelo General Murici, também progrediam rumo ao Rio. Os mineiros eram 15 mil homens, fortemente armados e municiados pertencentes, em sua maioria, às guarnições de Juiz de Fora e de São João del Rei. A expectativa era de um encontro de trágicas conseqüências, entre essas tropas e as paulistas, contra as que tinham partido em defesa do govêrno João Goulart, comandadas pelo General Cunha Melo. Reuniam essas tropas o Regimento Sampaio, de gloriosas tradições, e o 1.º Batalhão de Caçadores, de Petrópolis. Mas todos os contingentes em manobras acabaram por se congraçar, evitando a hecatombe e encontrando uma saída sem sangue para a crise.



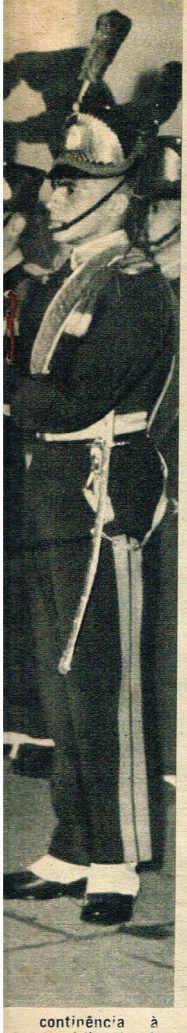


O General Amauri Kruel, comandante do II Exército, passou em revista os cadetes e prestou bandeira da tradicional Academia Militar de Agulhas Negras, que já havia, aliás, ocupado

KRUEL GANHOU A BATALHA COM PALAVRAS

Seu breve encontro com Morais Âncora em Resende foi decisivo

Em Resende, o General Kruel teve uma grata surprêsa: os 600 cadetes da Academia Militar de Agulhas Negras aderiram ao II Exército e, de metralhadora, dominavam a rodovia. Depois, ali chegou, de automóvel, o recém-empossado ministro da Guerra, General Morais Âncora. Tiveram, os dois, um breve encontro. "O senhor veio apenas me dizer boa noite! Já não é mais ministro e não pense em resistir!", disse-lhe Kruel. O General Morais Âncora fêz meia volta e regressou. Sua tropa, que estacionara a 30 km de Resende, regressou também, inclinando-se à vitória da rebelião.



continência à a rádio local.

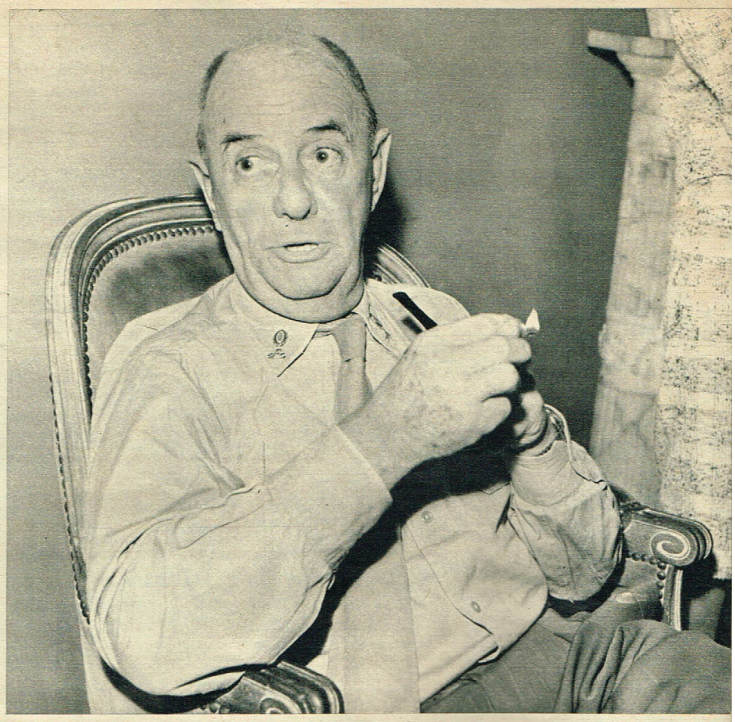
Flagrante da histórica reunião entre o Gen. Kruel (ao centro) e o General Morais Âncora (à direita), último ministro da Guerra de Jango, estando também presente o General Aluísio Miranda Mendes, que exerce a função de comandante da Segunda Divisão de Infantaria.

A esquerda: General Emílio Garrastazu Medici, comandante da Escola Militar de Agulhas Negras, escolta o General Morais Âncora à porta do estabelecimento. Em cima: o comandante do II Exército, General Amauri Kruel, em palestra com outros generais, em Resende.

O General Olímpio Mourão Filho declara que começou a trabalhar pela derru

COMO SE ORIGINOU A REBELIÃO

Entrevista a LAUSIMAR LAUS



O General Peri Beviláqua revela em entrevista exclusiva

O QUE JANGO NÃO QUIS OUVIR

O General Peri Constant Beviláqua, quando comandante do II Exército, em São Paulo, discordou da orientação do Presidente João Goulart quanto à política sindical. Foi, entre todos os chefes militares, o primeiro a se insurgir contra o prestígio dado, pelo Ministério do Trabalho, a líderes sindicais de tendência comunista. Sua figura, assim, se converteu em foco de interêsse. Agora não há quem não reconheça que, se tivesse sido sensível às suas advertências, o Sr. João Goulart possìvelmente ainda estaria no poder.

— Considera que o seu pronunciamento, quando no comando do II Exército, contribuiu para o alertamento das fôrças democráticas?

— Melhor do que eu poderão responder a esta pergunta as torrenciais e inequívocas demonstrações de solidariedade que recebi de todos os setores nacionais da opinião pública. Admito, portanto, que tenha contribuído.

— Durante os recentes acontecimentos militares, o senhor manteve o ex-presidente informado da evolução da crise e de suas perspectivas?

— Fui pessoalmente procurá-lo, no dia 31 de março próximo passado, para levar-lhe informações sôbre o estado moral e disciplinar das fôrças armadas, as repercussões sôbre elas das ocorrências político-militares e, ainda, para transmitir-lhe uma impressão no tocante à segurança interna. Deixei, nessa ocasião em suas mãos, um documento sôbre êsse assunto, por mim assinado. Documento elaborado, aliás, com prévia consulta aos chefes do Estado-Maior do Exército e da Aeronáutica, bem como aos oficiais-generais das três fôrças, a mim diretamente subordinados.

— Quando o Sr. João Goulart deixou o Rio tinha informações sôbre a união das fôrças de todos os Exércitos?

Em 1962, na qualidade de comandante da III RM, o ocasião, se dirigia a São Borja. Há dias, como chefe

bada do ex-presidente em setembro de 1962

A entrada do edifício em que reside o General Olímpio Mourão Filho, em Copacabana, alguém escreveu a giz: "Viva o Exército Brasileiro. Viva Mourão!" A romaria de políticos e militares era incessante. Os Srs. Clóvis Salgado e José Maria Alkmim aguardavam o momento para uma conferência. Mas antes o general falou a MANCHETE.

— Desde quando o senhor fazia planos para a revolução?

— Desde 8 de setembro de 1962. Tudo foi planejado durante dezessete meses.

— Com quem se articulou?

— A princípio, com o governador do Rio Grande do Sul. Depois, prossegui as articulações em São Paulo, onde fui comandante da 2.ª Região Militar, durante cinco meses. Em seguida, indo comandar em Juiz de Fora, ali planejei a arrancada. Mas tivemos de esperar cinco meses até desencadear o movimento.

— Porque se decidiu pela revolução?

— Porque notei, nos quartéis, infiltração comunista. É verdade que o número de sargentos comunistas é reduzido, mas êles sempre fizeram tudo para contagiar a tropa. O Sargento Borges, agora prêso, estava preparado para eliminar-me, em São Paulo. Tinha um plano coordenado com a rebelião de Brasília, mas falhou. Em Santa Maria, descobri uma conspiração no III Exército: quarenta sargentos faziam pregação sistemática, liderados pelo hoje Deputado Garcia Filho.

— Tudo isso foi comunicado ao Ministério da Guerra?

— Tudo quanto se descobria, era levado a sério e comunicado às autoridades superiores. Infelizmente, ninguém tomava providências.

— Encontrou resistências ao movimento que preparava?

— Encontrei. Terríveis. É que às vêzes se confunde, no Exército, legalismo com governismo.

— Acredita que o ex-presidente seja comunista?

— Não acho que êle seja comunista. Mas creio que é uma espécie de Fausto. Vendeu sua alma ao diabo, sem receber Margarida em compensação. O ex-presidente cercou-se sempre da pior gente. Tentei aconselhá-lo, quando a situação se apresentava mais grave. Mas quem podia com o CGT?

— Para articular a rebelião em Minas houve muitos entraves?

— Não, porque em Minas minhas idéias já eram sobejamente conhecidas. Assim, não houve maiores dificuldades. O povo mineiro é, por tradição, o mais infenso ao comunismo. Sadio de espírito, acredita em Deus com sinceridade.

— O senhor garante que o Brasil se manterá num clima democrático, sem opressões e violências?

— O nosso interêsse único e sincero é que se faça no Brasil o melhor clima democrático, para que tenhamos paz e possamos ir para a frente, sem o perigo vermelho. Para mim, quem não está com a democracia e admira os vermelhos é positivamente comunista. É verdade que, entre êsses, existem os comunistas, os criptocomunistas e os inocentes úteis.

— Que pretendem fazer agora as fôrças armadas?

— A operação-limpeza, que tem de ser absoluta. Não se faz um movimento como êsse para destituir um homem e sim para erradicar um sistema viciado e perigoso, que começou em 1930 e vem se agravando até hoje.

— E as proclamadas reformas?

— Duvido que o povo as reclame. Não considero povo um ajuntamento de pelegos, comandados por minorias comunistas. Não nego a necessidade de reformas. Mas o povo não pensa nelas. Foi, apenas, sugestionado. Isso, porém, não é função das fôrças armadas.

— E seus planos para a Petrobrás?

— Nomeado seu presidente, ainda não tomei posse. Só depois de inteirar-me de seus problemas poderei pronunciar-me sôbre êles. Mas, antes de tudo, vou limpá-la dos comunistas que fizeram ali seu reduto.

Gen. Peri Beviláqua recebeu em Pôrto Alegre o ex-Presidente João Goulart que, na do E-M do Exército, o Gen. Peri advertira Jango quanto aos comunistas nos sindicatos.

— Não tenho elementos para responder. Aquêle foi o último contato que mantive com o ex-presidente.

— Antes da crise, o senhor alertou o Sr. João Goulart sôbre os perigos do favorecimento de comunistas no meio sindical?

— Sim e por várias vêzes: em Notas de Instrução, quando comandante do II Exército, e em pronunciamentos públicos, o último dos quais o meu discurso de posse no Estado-Maior das Fôrças Armadas. E, pessoalmente, no fim do ano de 1962, em Araçatuba, São Paulo. Naquela ocasião, falei-lhe sôbre a hipertrofia do "poder sindical" e sôbre os graves perigos que nós, chefes militares de maior senso de responsabilidade, víamos nisso. Afirmei-lhe que o II Exército estava integrado na disciplina consciente, do soldado ao general, todos prontos a cumprir e a fazer cumprir a lei. Não lhe escondi que víamos com apreensão a atuação de órgãos extralegais, CGT, PUA, Forum Sindical de Debates, etc. Fiz-lhe ver que considerávamos que a segurança do govêrno e da democracia devia e deve basear-se, precìpuamente, nas fôrças armadas, isto é, na lealdade e na honra militar dessas fôrças. Disse-lhe, ainda, que não me parecia possível a coexistência pacífica do poder militar com o "poder sindical". Os recentes acontecimentos vieram confirmar o meu acêrto.

— Mas não se dizia existir, nas fôrças armadas, um "esquema janguista"?

— Os últimos episódios demonstram que as nossas fôrças armadas há muito ultrapassaram a fase do caudilhismo militar ou civil. São instituições nacionais permanentes, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do presidente da República e dentro dos limites legais, para defender e garantir os podêres constitucionais, harmônicos e independentes, e a lei e a ordem, como manda a Constituição.

MINAS GERAIS

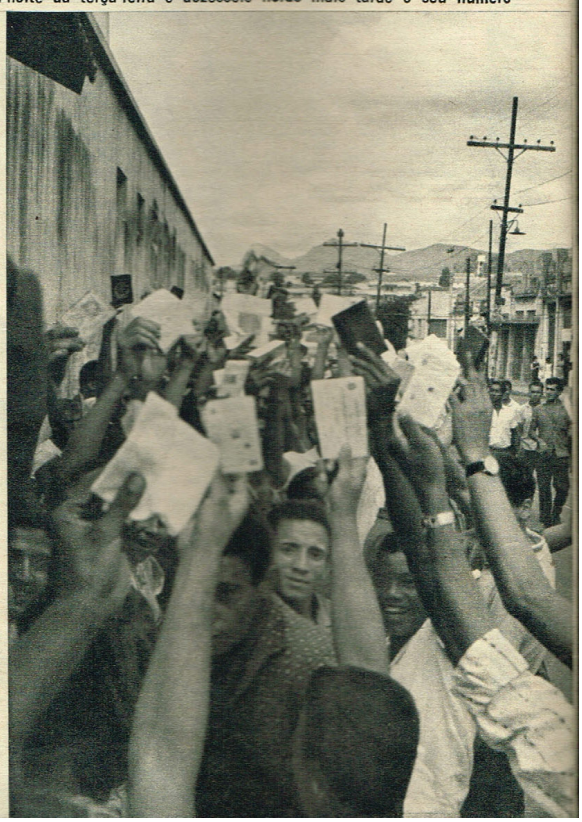
O General Carlos Luís Guedes cumprimenta o Governador Magalhães Pinto pelo êxito do movimento encabeçado por Minas Gerais. Embaixo, à direita, o General Albino Silva, ex-presidente da Petrobrás, dá sua solidariedade ao movimento. Ao lado, nos estúdios da TV-Itacolomi, João Calmon saúda o Coronel Afrânio Aguiar e o General Guedes.

S NA VANGUARDA

Na manhã da deflagração do movimento rebelde, o Sr. Magalhães Pinto chamou três de seus secretários, confessando-lhes sua disposição de restaurar a democracia no País: "Sobrou-nos apenas êste caminho. Não pode haver recuos. A posição é irreversível." O governador mineiro estava emocionado. Na tarde do dia seguinte, ao ser anunciada a vitória da revolução, milhares de pessoas convergiram para a Praça da Liberdade, em frente ao palácio do govêrno, onde prestaram ruidosa manifestação a Magalhães Pinto, aos chefes militares e auxiliares da administração estadual. À noite, no mesmo local, aclamados pela multidão, discursaram os Srs. Afonso Arinos, José Maria Alkmim e Milton Campos que disse: "O Brasil precisa promover as reformas, inspiradas em autêntico sentimento popular e não em palavras vãs." Os Generais Mourão Filho e Carlos Luís Guedes, ovacionados, responderam às aclamações com o "V" da vitória.

O General José Lopes Bragança, cujo irmão foi assassinado pelos comunistas na intentona de 35, instalou o Quartel-General do Voluntariado no Pandiá Calógeras, em Belo Horizonte. Os voluntários chegaram pouco antes da meia-noite da têrça-feira e dezesseis horas mais tarde o seu número

Devido aos diferentes graus de instrução militar, os voluntários foram divididos pelo Departamento de Instrução em dois grupos: um operacional e outro chamado especial.



o povo de minas gerais atendeu em massa à chamada de voluntários para defender o regime, num movimento que emocionou o país. êstes homens já retornaram aos seus trabalhos, protegidos por uma constituição soberana

Grupo Escolar era de dez mil.

Os Generais Carlos Guedes e Mourão Filho receberam a gratidão dos mineiros. O primeiro declarou: "Compreendam os pregoeiros da indisciplina que o povo brasileiro já não se presta a manobras escusas e que o nosso operário sabe distinguir seus líderes."

SÃO PAULO NA HORA DA VITÓRIA

Estudantes da Universidade Mackenzie, empunhando bandeiras do Brasil, de São Paulo e da sua faculdade, atravessaram o centro da cidade em ruidosa passeata, rumo à sede do 2.º Exército, onde aplaudiram os soldados em prontidão.

são paulo

Após a proclamação da vitória, os arames farpados estendidos nas ruas foram substituídos por extensos fios de serpentina

Na manhã de quarta-feira, foram interditadas as vias que dão acesso à Rua Brig. Tobias, onde está situada a polícia estadual de S. Paulo.

O povo paulista, que uma semana antes de euforia — os pontos centrais da cidade.

da eclosão do movimento revolucionário havia saído às ruas para promover memorável Marcha da Família, voltou a percorrer — desta vez com explosões
Sob chuva de confete, serpentina e papel picado (além de chuva mesmo), milhares de pessoas comemoraram festivamente a vitória da revolução.

A Avenida São João foi o eixo principal da alegria paulista

Cêrca das quatro horas da tarde de quarta-feira, alto-falantes situados no Palácio da Polícia, que transmitiam emissões da "Rêde da Democracia", anunciaram a destituição do presidente da República. A notícia carecia de confirmação mas o povo paulista acreditava na vitória do movimento revolucionário e começou desde logo a comemorá-la. Foguetes espocaram no céu bandeirante e das janelas de todos os prédios do centro da cidade caíram nuvens de papel picado. De qualquer maneira, a tropa permaneceu em prontidão. Uma vez ratificada a presença de Jango em Brasília, pràticamente deposto, São Paulo tornou a vibrar.

Primeiro, as ruas ficaram atapetadas de papel picado. Depois, os primeiros grupos de manifestantes iniciaram a passeata da vitória, culminando com estudantes da Mackenzie, que gritavam "viva São Paulo" e "abaixo o comunismo". Milhares de pessoas encaminharam-se aos Campos Elísios.

O FRONT DA GUANAB

ARA

● Depois de dois dias nas barricadas do Palácio Guanabara, o Governador Carlos Lacerda viu, por fim, o campo livre. Tinham desaparecido as últimas resistências do govêrno federal e o Sr. João Goulart, desiludido de encontrar apoio, deixara o Rio. Durante essas quarenta e oito horas dramáticas, Lacerda contou com a firme solidariedade de seus colaboradores e de amigos decididos a enfrentar quaisquer riscos. Todos permaneceram ao seu lado para festejar a vitória, alcançada graças à coesão das fôrças armadas.

Dezenas de senhoras, que provàvelmente jamais lidaram com armas de fogo, empunharam metralhadoras para garantir a defesa do Palácio Guanabara.

A MAIOR EMOÇÃO DE LACERDA, DURANTE OS DRAMÁTICOS ACONTECIMENTOS, FOI PRESENCIAR A CHEGADA DE TANQUES PARA DEFENDER SEU PALÂCIO

O govêrno da Guanabara não fêz qualquer apêlo no sentido de recrutar voluntários mas, mesmo assim, centenas de pessoas compareceram armadas ao Palácio Guanabara, espontâneamente, dispostas a defender a sede do Executivo carioca. Repetidas vêzes correram boatos de que tropas de fuzileiros estavam na iminência de atacar, fazendo o Guanabara viver momentos angustiantes. O sistema de segurança do palácio foi coordenado pelo General Salvador Mandim, sob a supervisão direta do Governador Carlos Lacerda. Durante a vigília, houve racionamento de água e de mantimentos.

Por volta das cinco o corre ria um

O Deputado Danilo Nunes, que também é militar, tomou parte ativa nas providências relativas ao sistema de segurança do palácio. O Governador Lacerda não descansou um só minuto durante as 48 horas da vigília, falando no telefone com diversos Estados.

horas da tarde de quarta-feira, tanques do Exército subiram a Rua das Laranjeiras e aproximaram-se do Palácio Guanabara. A população pensou inicialmente que ataque à sede do govêrno, mas tratava-se de viaturas comandadas pelos filhos do Gen. Etchegoyen que foram hipotecar solidariedade ao Governador Carlos Lacerda.

A passagem de um avião da FAB sôbre Copacabana, sem intenções belicosas, provocou curiosidade. Muitos olharam para cima, ao mesmo tempo que batiam baixo: as môças não escondiam a alegria pelo desfecho da crise e bandeiras nacionais logo apareceram em mãos de populares que, assim, exprimiam

O Governador Carlos Lacerda, ainda no Palácio Guanabara, viu-se cercado de correligionários que foram felicitá-lo pela vitória.

POUCOS MINUTOS DEPOIS DE ANUNCIADA A VITÓRIA AS RUAS DO RIO ERAM UMA TORRENTE DE DELÍRIO E EMOÇÃO

Milhares de cariocas, que acompanhavam com apreensão o desenrolar dos acontecimentos, sentiram-se desoprimidos, por ver que tudo terminava bem, sem o derramamento de sangue entre irmãos. Quando se tornou conhecida a notícia de que a Revolução triunfara, houve verdadeiras explosões de alegria em vários bairros do Rio, principalmente em Copacabana, que tem os seus limites extremos marcados por dois fortes, o do Leme e o da Igrejinha, êste célebre pelo 5 de julho.

palmas. Em-
seu entusiasmo.

Passeata da vitória foi improvisada por voluntários que se encontravam no Palácio Guanabara e em suas imediações, dispostos a lutar em defesa do Governador Carlos Lacerda. Em todo o percurso foram dados vivas às fôrças armadas e à democracia.

Mais uma vez presidente da República, Mazzili fêz um apêlo à concórdia

● Cabendo-lhe, como presidente da Câmara, assumir a presidência da República, com o afastamento do Sr. João Goulart pela revolução vitoriosa, o Sr. Ranieri Mazzili tomou posse perante o Congresso e fêz um apêlo à concórdia, ao respeito à ordem e à hierarquia. O ilustre deputado paulista permanecerá por 30 dias à frente do govêrno federal. Ao fim dêsse período, o Congresso elegerá o mandatário que presidirá o país até janeiro de 66. É provável que o próprio Sr. Ranieri Mazzili, tantas vêzes eleito para a presidência da Câmara, seja o escolhido e, assim, permaneça no Palácio da Alvorada.

Grande chefe civil do movimento, Magalhães Pinto nunca duvidou da vitória

● O governador de Minas Gerais, Sr. Magalhães Pinto, não teve um momento de vacilação, ou de dúvida, desde que se colocou na liderança do movimento revolucionário, deflagrado no último dia de março. Uma de suas providências foi a abertura de voluntariado, com milhares de mineiros acorrendo ao seu chamado. "Nossa luta — disse êle — foi uma luta para preservar a civilização cristã e para restaurar a Constituição em nosso país. Nossos objetivos foram altos e nobres, como altos e nobres foram sempre os intuitos que inspiraram os homens públicos de Minas Gerais". Sua popularidade cresceu muito.

Ademar teve sua ação recompensada por calorosa manifestação popular

● Poucos dias antes da eclosão do movimento revolucionário, o Governador Ademar de Barros sensibilizou o país com o decidido apoio que prestou à realização da monumental Marcha da Família, em São Paulo. Em seguida, manifestando sua adesão a Magalhães Pinto, Ademar praticamente decretou a vitoriosa sorte da revolução. Na noite do triunfo, a população paulista promoveu-lhe grande homenagem, no Palácio dos Campos Elísios.

PASSE BEM... Quanto mais Claybom você passar nas torradas quentinhas... mais gostosas elas ficam! Claybom é saudável, puro, leve e alimenta de verdade! Todo mundo passa bem com Claybom!

claybom

Um produto ANDERSON CLAYTON

só a pingouin